

Empresários pedem autonomia

São Paulo — O empresariado paulista ouviu, na reunião semanal da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), um relato feito pelo presidente da entidade, Mário Amato, sobre o que foi a reunião entre o presidente José Sarney e duas dezenas de empresários locais no último sábado, no sítio do industrial Matias Macline.

Os participantes do encontro pediram, em resumo, uma única coisa: que as leis do mercado passem a fluir mais naturalmente, sem a excessiva ingerência do governo que se notou particularmente após o Plano Cruzado. E Sarney, segundo Amato, aceitou a colocação e prometeu levar a reivindicação ao seu ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

A reivindicação acima sintetiza as preocupações dos empresários participantes ao encontro, embora não tenha sido a única. Eles levantaram também a necessidade de o governo realizar cortes nos gastos públicos, de reduzir a taxas de juros, de manter o gatilho salarial ativado e de adotar mecanismos que impeçam a economia de cair em uma recessão. Para que tudo isso dê certo, porém, é necessário que o controle do governo sobre as atividades empresariais seja quase inexistente.

Segundo Amato, “apenas os setores monopolizados ou oligopolizados deveriam permanecer sob o controle da Comissão Intermunicipal de Preços (CIP)”. Walter Sacca, diretor do departamento de economia da Fiesp, que participou da reunião de ontem, disse que “apenas 100 ou 200 produtos deverão continuar a ser controlados pelo CIP”.

Amato negou que os empresários que conversaram com Sarney tenham “pedido a cabeça do Funaro”. Foi uma conversa franca, segundo ele, sobre o “presente e o futuro” e não sobre o “passado”, e em nenhum momento se apontou o ministro Funaro como responsável pelo descontrole da economia.

A explicação para a situação atual da economia estaria, segundo um outro participante do encontro com Sarney, não em Funaro, pessoalmente, mas em seu *staff* de segundo e terceiro escalões e também na sua sujeição às orientações políticas do PMDB.

— Estão todos cansados de saber que há muito tempo não é Funaro que traça a política econômica do governo — disse essa fonte.

Portanto, embora Mário Amato tenha negado, as críticas que se fizeram às medidas do governo visaram principalmente ao PMDB e às equipes de economistas dos ministérios econômicos e não ao ministro, até porque Funaro é um empresário e não deixaria que as coisas chegassem ao ponto em que chegaram — explicou essa fonte.

O presidente da Fiesp informou também que Sarney foi categórico ao se negar a submeter o país ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Argumentou-se com ele que “talvez isso fosse possível se a política do fundo mudasse. Se não fosse recessiva”. Ao que Sarney respondeu:

— Então não seria o FMI.

Editorial Jogo sem Verdade
